

---

## A AFASIA DO TERAPEUTA OCUPACIONAL\*

---

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO \*\*

Gostaria, inicialmente, de dizer que não sou terapeuta ocupacional, nem trabalho na área da saúde, nem sequer é esta objeto de minha reflexão sistemática. Sou linguista e professor de Português; minha presença aqui se deve à preocupação dos organizadores deste simpósio de trazer à baila questões relativas à "fala" dos terapeutas ocupacionais.

Parece que falam pouco os/as terapeutas ocupacionais. Falam pouco de seu trabalho, de suas práticas. Alguns poucos e recentes livros impedem que se diga que não há nada de produção nacional escrito sobre T.O. Mas a área não tem uma revista própria para divulgação de trabalhos, nos congressos são poucas as comunicações ou apresentações de resultados de pesquisas e estudos. Daí o título desta mesa-redonda: "A Afasia do Terapeuta Ocupacional". Afasia, perda parcial ou total da capacidade da fala, é tomada aqui como uma provocadora, quase agressiva, metáfora: a T.O. não fala. E me-

---

\* Comunicação apresentada ao 2º Simpósio Paulista de Terapia Ocupacional. Campinas, 1989.  
\*\*Doutorando em Linguística no IEL/UNICAMP.

nos ainda escreve.

Por que?

Não sei responder e nem acho que esse seria o meu papel. Como intruso, sinto mais é que posso trazer algumas sugestões ligadas ao uso da linguagem que podem contribuir para o debate. Permito-me, então, destacar dois pontos que me parecem úteis à discussão:

1. as relações entre senso comum e senso crítico;
- e 2. o jogo de representações próprio à relação interlocutiva.

O senso comum pode ser grosseiramente caracterizado como um conjunto de valores e conhecimentos produzidos e adquiridos a partir de experiência cotidiana, instruindo e dirigindo as ações de um sujeito no mundo. São as impressões, as crenças, as verdades "óbvias", o experimentado. É o meu senso comum, por exemplo, que me diz, mesmo sem eu conhecer a lei da gravidade, que se me atirar do alto de um prédio eu vou cair (e provavelmente morrer), de uma maneira geral, a vida cotidiana é regida pelo senso comum.

O senso crítico, por seu turno, parte do senso comum e forma, através da reflexão sistemática, um quadro de referências relativamente rigoroso e constante, quadro esse que permite o estabelecimento de hipóteses e teorias a respeito das

coisas do mundo. São exemplos típicos as ciências e a filosofia.

As relações entre o senso comum e o senso crítico são complexas, havendo um intenso intercâmbio entre eles. Admite-se, tranquilamente, que o senso crítico parte normalmente do senso comum, mais do que isto, ele o pressupõe. O senso comum, por seu lado, também se modifica nesta relação e absorve valores e verdades uma vez estabelecidas pelo senso crítico e tornados "óbvios": por exemplo, dizer que a terra é redonda ou que o homem veio do macaco.

Muito se pode aprender do senso comum: é sãbia a sabedoria popular! Muito se pode enganar com o senso crítico: é presunçosa a ciência! Mas ambos podem levar-nos, se nos deixamos desapercebidos, a algo que me é assustador: as verdades absolutas.

O senso comum faz isto lançando mão do óbvio, do regrado: diz-se que uma coisa é assim porque é! Faz-se tal outra coisa porque se deve fazê-la. (De passagem, lembro da deliciosa música "Bom Conselho", de Chico Buarque). Já o senso crítico pode levar às verdades absolutas por um caminho totalmente diferente e muito mais ardiloso: a força do argumento de autoridade: o saber científico, tão crítico, perde seu poder de crítica quando

deixa de ver-se. De fato, "a ciência é apenas um dos muitos instrumentos inventados pelo homem para fazer face à circunstância. Não é o único, não é infalível e tornou-se demasiado poderoso, dinâmico em demasia, excessivamente perigoso para ser abandonado a si mesmo"<sup>(1)</sup>. Mas pouca gente tem a argúcia de P. Geyerabend. No mais das vezes, a verdade científica é absoluta, inquestionável.

Pois bem, aí está o ponto para o qual eu gostaria de chamar a atenção: a maneira e a intensidade com que as verdades absolutas estão em nossa prática profissional. E perante uma verdade absoluta só o silêncio é possível! Que argumento, que sentimento pode-se contrapor a ela? Tudo é silêncio. Curiosamente, os dois poderosos instrumentos de que dispomos para entender o mundo repentinamente se colocam contra nós e nos impõem o silêncio!

Que relações isto teria com a "afasia da/do terapeuta ocupacional"? Na minha opinião, toda! E não só com a afasia da T.O. mas também das diversas outras práticas universitárias.

Um dos meios (ou o meio) de transmissão e construção do saber sistemático das sociedades modernas são as escolas. E que outra coisa ensinam as escolas senão verdades? Desde o primário até o último ano da faculdade o aluno escuta e reproduz verda-

des. É treinado para garantir (doce ilusão) o sucesso profissional.

Vejam não estou defendendo ou atacando o valor intrínseco da técnica, qualquer que seja. Ela, certa ou errada, é o resultado da elaboração intelectual de um ou, mais provavelmente, de vários indivíduos. Estou, isto sim, questionando o modo como o senso comum se relaciona com ela, o valor de verdade absoluta que lhe oferece. E não se trata ainda de dizer "mas eu questionei/discordei daquela tal ou qual técnica. É a relação mesma com o saber, o seu valor extrínseco, que estou pondo em questão.

Tem duas interpretações equivocadas muito comuns do que estou dizendo que eu gostaria de evitar. Em primeiro lugar, observo que, ao "denunciar" a atitude subserviente em que vivemos em relação ao que chamei de "verdades absolutas", estou indiretamente defendendo uma atitude de desconfiança do conhecimento e das práticas científicas. Mas esta atitude, cujo resultado pode muitas vezes ser idêntico ao do comportamento anterior (eu posso aceitar a técnica), não se confunde com a descrença no conhecimento, como acontece com certas visões irracionalistas.

Em segundo lugar, ao "pôr em questão" a autoridade do senso crítico e do saber acadêmico

*Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR*  
*Curso de Terapia Ocupacional*  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
Via: Washington Luiz, Km 235 - C.P. 676  
Fone (016) 274-8341 - FAX (016) 274-2081  
CEP 13563-905 - São Carlos - SP

estou conscientemente abrindo espaço para a manifestação da subjetividade e a valorização do senso comum. Novamente não quero que se confunda o que eu disse com propostas que, simplesmente negando o conhecimento organizado, partem para comportamentos voluntaristas, aparentemente insólitos e criativos, mas efetivamente fruto do que o senso comum tem de mais banal e repetitivo. É preciso ter claro que estamos diariamente reinventando a roda (e isto é muito bom), mas raramente dizemos alguma coisa realmente nova. Nós apenas a descobrimos de novo.

Concluindo, a "afasia" em que vivemos (entendendo a metáfora para todos nós) tem uma relação muito direta com a maneira pela qual nos relacionamos com o poder e o saber. Na hora em que nos assumirmos como sujeitos do conhecimento, como participantes de um processo interlocutivo, estaremos dando um passo positivo na cura da nossa "afasia". Depois outros passos serão necessários.

---

(1) FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 3ª ed., 1989, p.337.